

A REFERENCIAÇÃO COMO ELEMENTO ARGUMENTATIVO NO GÊNERO MONOGRAFIA

REFERENCING AS AN ARGUMENTARY ELEMENT IN THE MONOGRAPH GENRE

Jaqueline Feitoza Santos
Márcia Helena de Melo Pereira
UESB

Resumo: A presente investigação tem por objetivo identificar e descrever mecanismos ligados à textualidade denominados elementos referenciais, no gênero monografia. Temos por finalidade observar em que medida esses elementos auxiliam o escrevente a posicionar-se argumentativamente. Para tanto, recorreremos à perspectiva dialógica da linguagem, tomando por base os postulados teóricos de Mikhail Bakhtin (2003). Para essa investigação, coletamos uma monografia da área de Ciências Humanas, do curso de Comunicação Social, e utilizamos uma metodologia de base qualitativa, baseando-nos em pressupostos teóricos da Linguística Textual, em estudos ligados aos gêneros textuais e à teoria da referenciação. A análise de nossos dados revelou que os elementos referenciais, quando empregados, cumpriram a função de orientar argumentativamente a uma dada conclusão. Verificamos, portanto, que orientar o discente de graduação sobre esses mecanismos pode auxiliá-lo com estratégias que corroborem para a apresentação escrita de sua pesquisa.

Palavras-chave: Argumentação; Referenciação; Monografia.

Abstract: *The present study aims to identify and describe mechanisms related to textuality called referencing, in the monograph genre. We have the purpose to observe to what extent these elements help the writer to position itself argumentatively. To do so, we will turn to the dialogical perspective of language, based on the theoretical postulates of Mikhail Bakhtin (2003). For this investigation, we collected a TCC from the Human Sciences area of the Social Communication course, and used a qualitative methodology, based on theoretical assumptions of Textual Linguistics, studies related to textual genres and referencing. The analysis of our data revealed that the referencing, when employed, was responsible for compliance with the argumentative sequences, fulfilling the function of orienting argumentatively to a given conclusion. We verified that orienting undergraduate students to these mechanisms can help them with strategies that corroborate the written presentation of their research.*

Keywords: *Argumentation. Referencing; Monograph.*

1. INTRODUÇÃO

A argumentação, em determinadas construções comunicacionais, revela-se nas intenções do enunciador em posicionar-se diante de determinado assunto. Essa intencionalidade apresenta-se em gêneros fundamentalmente argumentativos, como em monografias, trabalhos comumente solicitados como requisito para conclusão de cursos de graduação. Nesses gêneros científico-acadêmicos, o escrevente cumpre o papel de sujeito pesquisador e, como tal, segue determinada padronização, estabilizada na forma de gênero. Assim, para alcançar esse teor argumentativo explícito, é preciso manusear os recursos da textualidade que auxiliam na argumentatividade esperada. Dentre esses recursos da textualidade, nos detemos, na presente investigação, nos elementos referenciais, visto que esses elementos conduzem a orientação argumentativa e discursiva, como esclarece Koch (2011).

Tendo em vista o ato de referenciar, e considerando o contexto social e discursivo que envolve o gênero monografia, vimos a necessidade de investigar como determinados sujeitos utilizam os mecanismos referenciais na produção desse gênero, nessa etapa de sua formação. Na presente investigação, partimos da hipótese de que o estudante universitário, ainda que concluinte de um curso de graduação, apresenta dificuldades no emprego de elementos referenciais que podem auxiliar na construção do nível argumentativo próprio do gênero monografia, tomando por base trabalhos que discorrem sobre essa problemática, sobretudo, a exemplo de Motta-Roth e Hendges (2010), Cavalcante (2014; 2016), Antunes (2005), Koch (2011), dentre tantos outros teóricos que discutem sobre produção de textos à luz da teoria da Linguística Textual.

Isso posto, apresentamos nossa questão: como o escrevente da monografia investigada emprega os elementos referenciais necessários para auxiliar no cumprimento da função argumentativa necessária para a produção desse gênero?

Para procedermos nossa investigação, apresentamos nosso percurso metodológico: analisaremos a seção de introdução de uma monografia fornecida por um informante do curso de bacharelado em Comunicação Social, observando o processo de referenciação a serviço do cumprimento de visadas argumentativas. Escolhemos investigar a seção de introdução dessa monografia. A razão da escolha dessa seção se justifica diante do seu teor argumentativo, sobretudo nos momentos de apresentação da hipótese, da justificativa da pesquisa, da questão proposta para investigação, dos objetivos expostos e da escolha metodológica proposta pelo escrevente. De acordo com Motta-Roth e Hendges (2010), essas partes demonstram o porquê e o como a pesquisa foi desenvolvida, o que nos permite observar o posicionamento argumentativo realizado pelo graduando.

Nossa discussão segue a seguinte sequência de abordagens: para esclarecer a proposta de trabalho com gêneros, nos valemos da teoria sociointeracionista da linguagem, considerando, sobretudo, os estudos de Bakhtin (2003). Para versar sobre as características próprias do gênero monografia, levamos em consideração as perspectivas dos seguintes teóricos: Souza e Silva (2017) acerca das especificidades desse gênero; também, nos valemos da abordagem sociorretórica de Swales (2014). Para tal abordagem, tomaremos por base, sobretudo, o trabalho de Motta-Roth e Hendges (2010). Além disso, instanciaremos uma discussão sobre as bases teóricas que fundamentam a teoria da

referenciação, tendo por base as abordagens de Cavalcante (2012) e Koch ([2004a] 2017). Em seguida, Exporemos uma breve discussão sobre o ato de argumentar, detendo-nos nos trabalhos de Koch (2011) e Koch e Elias (2016). Seguiremos apresentando nossas análises acerca do *corpus* selecionado para pesquisa, levando em consideração os aspectos ligados à referenciação. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais a respeito da monografia analisada, discutindo a obtenção, ou não, do nível argumentativo do referido gênero, finalizando, assim, o que nos dispomos a investigar.

2. O GÊNERO MONOGRAFIA NA PERSPECTIVA BACKTINIANA

Antes de começarmos a discorrer sobre o gênero monografia, cumpre-nos recordar as reflexões de Mikhail Bakhtin (1992) acerca da concepção de linguagem. Para o teórico, a linguagem é dialógica, uma vez que toda relação humana é marcada pelo princípio do diálogo, o que o levou a declarar a máxima de que “a vida é dialógica por natureza” (BAKHTIN, 1992, p. 36). A partir dessa contribuição teórica de Bakhtin, surgiram outras, das quais destacamos, para a presente abordagem, seus estudos sobre comunicação verbal, e, por conseguinte, a noção de gênero. O teórico define gêneros do discurso como a relação dialógica do ato da linguagem. Nessa perspectiva, qualquer esfera da atividade humana tem relação com a utilização da língua. Em consequência desse entendimento, o autor assim define os gêneros do discurso:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo seu estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

Para Bakhtin (2003), os gêneros do discurso permeiam todas as atividades da vida diária e são capazes de organizar nossa comunicação. Segundo o autor, o falante faz uso de um dado enunciado, ou dito, que se materializa na língua/linguagem, constituindo o discurso. Assim, os gêneros discursivos acomodam tudo o que falamos e ouvimos. Posto que nossas atividades envolvem linguagem, seja das mais simples ou cotidianas, às mais complexas ou públicas, os gêneros cumprem a função de organizar e estabilizar essa língua/linguagem, permitindo que faça sentido para o interlocutor.

Dessa forma, Bakhtin (2003) formula a classificação dos gêneros em primários e secundários. Os gêneros primários são aqueles que envolvem nossas atividades cotidianas, geralmente ocorrendo na modalidade oral do discurso. Os gêneros secundários, por sua vez, valem-se, geralmente da escrita, tendo função mais formal e oficial, como nos atualiza Rojo (2015).

Portanto, seja qual for a classificação, tudo o que dizemos, pensamos ou escrevemos acontece por meio de um texto/enunciado pertencente a um determinado gênero discursivo; logo, todo

enunciado se dá por meio de um gênero. Se tudo que dizemos ou enunciamos se concretiza na forma de textos ou enunciados e todo enunciado é articulado em um gênero, forma relativamente estável de processar o enunciado, resta-nos esclarecer acerca desse enunciado. No dizer de Bakhtin, “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com transmissão da palavra do outro [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 275). Podemos considerar, assim, que um enunciado tem seu limite na alternância dos sujeitos da interação, em que o locutor ou sujeito do discurso encerra seu momento de dizer, dando possibilidade ao interlocutor de reagir ao seu dito. Portanto, O gênero, nessa perspectiva, dá forma a um discurso, a uma enunciação, como esclarece Rojo (2015).

Diante do exposto, esclareceremos, na subseção seguinte, acerca das especificidades do gênero monografia.

2.1 O GÊNERO MONOGRAFIA: ESPECIFICIDADES

A monografia é um trabalho científico que versa sobre uma temática particular. Esse documento deve detalhar os resultados completos sobre uma pesquisa, instanciando a discussão de um único tema e delimitando o campo para recorte de uma determinada realidade global. De acordo com Souza e Silva (2017), a monografia, como o próprio nome indica, é um trabalho individual, cujo formato deve obedecer ao gênero científico, sendo claro e estruturalmente lógico, ao apresentar os resultados da pesquisa desenvolvida. Esse gênero se pauta em uma ação social que atenda à cultura acadêmica, com vistas à conclusão de um curso de nível superior de graduação ou de pós-graduação *latu sensu*.

A produção da monografia ocorre seguindo uma hierarquia de saberes partilhados, pois a construção desse gênero acontece depois do percurso de todo o curso; não é tarefa para ingressantes, como fundamentam Souza e Silva (2017) sobre os sujeitos produtores desse trabalho:

Os seus sujeitos produtores de monografia poderiam ser considerados como membros experientes em suas comunidades acadêmicas de pertença, haja vista que, para a produção deste gênero, passaram por etapas anteriores de desenvolvimento da escrita acadêmica, em que adentram na academia, tentam se inserir e ser reconhecidos no meio, passam a pertencer a este contexto, até o momento em que seu trabalho de conclusão de curso revela todo o percurso de aprendizagem. Entretanto, mesmo que concluintes em seus cursos de graduação, são iniciantes no *fazer-científico*. Por conseguinte, por representatividade, o sujeito se sente membro na monografia de especialização; é membro iniciante na dissertação de mestrado; é membro intermediário na tese de doutorado e é membro experiente quando é considerado pesquisador pelo CNPq (SOUZA; SILVA, 2017, p. 142, grifo das autoras).

Diante dessa visão, buscamos compreender a organização das monografias e suas implicações para os sujeitos escreventes, visto que esse trabalho resulta da fase de iniciação do fazer científico, cuja linguagem, também, é constituída de conhecimento científico, pois se estabelece em incompletudes teórico-empíricas que poderão ser questionadas ou reformuladas por outros pesquisadores, pela

dinâmica própria da pesquisa científica, e tal questionamento esbarra em práticas sociais desse campo. Desse modo, de acordo com Bechelard (1996)¹, citado por Souza e Silva (2017), essa cultura científica deve se pautar em um conhecimento aberto e dinâmico, cuja característica de cientificidade deve ser mediada pela existência de um problema do qual parte-se para a busca da resposta.

Para este trabalho, cuja linha por nós adotada é da teoria dialógica bakhtiniana, discutiremos, neste momento, também, a proposta de Swales (1990; 2004) sobre a definição de gêneros através de metáforas, uma vez que esse autor postula que as várias formas de compreender os gêneros devem ser aceitas, justificando a adoção de procedimentos metafóricos para resgatar especificidades relevantes dos gêneros. Essa proposta de Swales (2004) aqui exposta tem como objetivo buscar entender o contexto sociorretórico que circunscreve os gêneros. Longe de querer nos distanciar da teoria bakhtiniana, queremos, antes, discutir propostas de trabalhos com gêneros que contemplem as demandas da esfera acadêmica. Corroboramos com a ideia de que as teorias podem dialogar entre si, desde que não sejam díspares, contraditórias, tendo em vista que o fazer científico não é estanque nem engessado; antes, é dinâmico e flexível.

A obra de Swales volta-se para as análises de gêneros textuais em contextos acadêmicos e profissionais, conforme sintetizam Hemais e Biasi-Rodrigues (2005). O nome de Swales é frequentemente associado ao ensino e estudos do inglês para fins específicos. Para tanto, o autor desenvolveu pesquisas sobre conceitos na análise de gêneros textuais, abordando estudos sobre o gênero e sobre as práticas sociais que o subjazem. Em sua obra de 1990, Swales correlaciona diversos campos de estudo, como a linguística, a etnografia, a teoria do ensino e produção de texto e antropologia. Acerca dessa última perspectiva teórica, o autor percebe na obra do antropólogo Clifford Geertz uma categorização que pode auxiliar no esclarecimento entre áreas distintas do conhecimento. Para Swales (1990), o gênero textual é um tipo de evento comunicativo. Com base nesse entendimento, expõe as seguintes categorias dos gêneros: a) são uma classe de eventos comunicativos; b) esses eventos compartilham um propósito comunicativo; c) existe uma prototipicidade nos gêneros, uma vez que os gêneros mais típicos de uma categoria são os protótipos; d) razão ou lógica subjacente ao gênero; e) a comunidade discursiva, considerando o uso do próprio gênero.

Isso posto, passemos a observar as estruturas esquemáticas prototípicas do gênero monografia. Tais estruturas são aqui relatadas no sentido de descrever os propósitos específicos evidenciados no gênero. Desse modo, baseando-nos em Souza e Silva (2017), exporemos os elementos estruturais tradicionalmente relatados em manuais de metodologia científica, na coluna esquerda do Quadro 1, e a estrutura, conforme os propósitos comunicativos, à direita do mesmo quadro:

¹ BACHELLARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Quadro 1 - Visão geral da organização retórica de monografias

Elementos estruturais	Propósitos comunicativos
<p>Elementos pré-estruturais</p> <p>Capa (obrigatório), lombada (opcional), folha de rosto (obrigatório), errata (opcional), folha de aprovação (obrigatório), dedicatória(s) (opcional), agradecimento(s) (opcional), resumo (na língua vernácula (obrigatório), resumo na língua estrangeira (obrigatório), lista de ilustrações (opcional), lista de tabelas (opcional), lista de abreviaturas (opcional), lista de símbolos (opcional) e sumário (obrigatório).</p>	<p>SITUAR A PESQUISA</p> <p>INTRODUZIR A PESQUISA</p> <p>FUNDAMENTAR TEORICAMENTE</p> <p>RELATAR METODOLOGIA</p>
<p>Elementos textuais</p> <p>Introdução, desenvolvimento e conclusão.</p>	<p>ANALISAR DADOS</p>
<p>Elementos pós-textuais</p> <p>Referências (obrigatório), glossário (opcional), apêndice(s) (opcional) e índice(s) (opcional).</p>	<p>CONCLUIR A PESQUISA</p> <p>CRENCIAR O TRABALHO</p>

Fonte: Souza e Silva (2017, p. 147 apud SOUZA, 2014).

Os elementos composicionais do gênero monografia são normatizados pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e pelos manuais de metodologia científica, conforme apresentado na coluna esquerda do Quadro 1, anterior. Essa normatização é constantemente consultada pelos graduandos no momento da elaboração de seus textos. Apresentamos aqui uma ressalva de Souza e Silva (2017): a monografia atende a propósitos comunicativos que desempenham funções escritas específicas para a organização esquemática do gênero; logo, sua estruturação não necessariamente deve atender a seções fixas, conforme orientam os manuais. Assim, as autoras justificam que há uma estrutura prévia, no entanto, flexível, de acordo com os propósitos comunicativos, como descrito na coluna direita do Quadro 1.

Quanto à classificação dos elementos estruturais presentes no quadro 1, chamamos a atenção quanto às nomenclaturas “*Elementos pré-estruturais*” e “*Elementos pós-estruturais*”. As autoras Souza e Silva (2017) atentaram-se para o tipo de apresentação dos trabalhos acadêmicos conforme a normatização apresentada pela ABNT, logo, tal designação pode ser questionável do ponto de vista dos elementos estruturais do texto. Assim, salientamos que o que as autoras expuseram como elementos *pré* e *pós* estruturais podem ser considerados como elementos que fazem parte do texto, muito embora não se encontrem no corpo do texto do trabalho.

Isso posto, não poderíamos deixar de abordar o aspecto dialógico das normas do texto científico, condição para que esse aprendiz ingresse na comunidade discursiva acadêmica. Muito embora os aspectos linguísticos e estruturais sejam pertinentes na elaboração desses gêneros, é necessário atentar-se para as questões de discurso, práticas discursivas e comunidade discursiva; é necessário, portanto, que o texto seja visto não como um mero código e passe a se considerar, também, as formas de interação,

conforme a ressalva de Simões (2002)². Desse modo, podemos considerar que, na apropriação da forma do texto científico, os discentes de ensino superior precisam ter um entendimento satisfatório acerca do que vem a ser discurso científico ou acadêmico. Diante disso, consideramos pertinente a compreensão da perspectiva de discurso como prática social, visto que tal entendimento considera que a linguagem constitui-se como parte da sociedade, sendo um processo social e, portanto, socialmente condicionado (e não meramente linguístico).

Ademais, cumpre-nos esclarecer da esfera de produção e circulação do gênero monografia, a esfera acadêmica. Podemos considerar, conforme a teoria dialógica bakhtiniana, que gêneros são também diferentes formas que um texto pode assumir, a depender das esferas de atividades humanas que demandaram sua criação. Porém, qualquer proposta de letramento, inclusive na esfera acadêmica, precisa se ater não apenas às formalidades dos funcionamentos dos textos, mas, também, à realidade social dos textos que estão em uso, uma vez que ele é criado para atender a uma determinada demanda social. Por isso, as diferenças entre os textos estão relacionadas às suas funções sociais específicas, como sintetiza Figueiredo e Bonini (2006)³. Nessa perspectiva, padronização textual e padronização social se combinam na forma de gêneros.

Ao nos atentarmos para a investigação do gênero monografia, buscamos compreender a cientificidade esperada na esfera acadêmica, por se estabelecer através do movimento de construção e reconstrução de conhecimentos validados, em contínua apropriação, reflexão e contestação de saberes produzidos, conforme discutem Souza e Silva (2017). Passemos, na próxima seção, às especificidades do processo de referenciação, uma vez que nosso objetivo é observar a ocorrência dos elementos referenciais a serviço da argumentação, na produção do texto monográfico.

3. O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO

O fenômeno da referenciação é considerado por Cavalcante (2012) um dos mais relevantes para a produção e compreensão de sentidos, sendo ele textual-discursivo. Dessa forma, para a organização do texto, esse processo tem relevância significativa em sua produção e compreensão. Conhecê-lo, portanto, como defende a autora, permite compreender os mecanismos de estruturação do texto.

Os processos de referenciação dividem-se, grosso modo, em introdução referencial, anáfora e dêixis, de acordo com Cavalcante (2012). O conceito fundamental da introdução referencial é que o termo referente é introduzido por uma expressão referencial, podendo ter ou não ligação com outros referentes que podem aparecer antes no contexto (CAVALCANTE, 2012). Assim, a introdução referencial ocorre quando um objeto novo é introduzido no texto, sem estar relacionado a nenhum outro objeto do discurso anteriormente.

Em oposição à introdução referencial, a anáfora está relacionada à continuidade, retomando um referente por meio de expressões referenciais, segundo a autora. As anáforas, por sua vez,

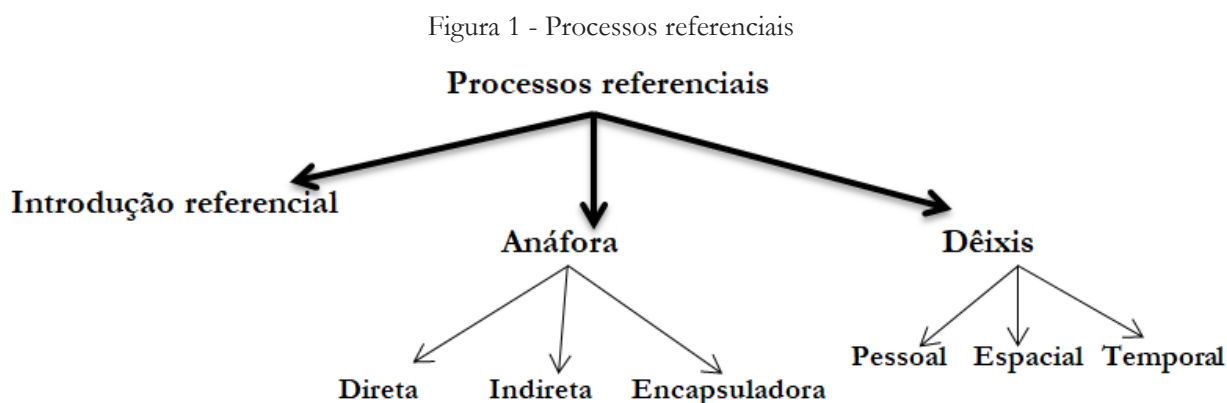
² SIMÕES, Darcília. A produção de textos acadêmicos. In: _____; HENRIQUES, C. C. (Orgs.). *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2002.

³ BONINI, Adair. A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

dividem-se em diretas ou correferenciais e anáforas indiretas. As primeiras retomam referentes que já foram apresentados no texto por outras expressões, e são retomadas por diversos tipos de expressões linguísticas, como pronomes, um novo sintagma nominal, repetição de um item lexical ou pronominal. O segundo tipo, isto é, a anáfora indireta, ocorre quando um novo referente é apresentado como já conhecido, sendo entendido em vista do processamento cognitivo do texto, conforme classifica Cavalcante (2012).

A dêixis, por fim, é um tipo de referencialização cuja função diz respeito à localização e identificação em relação ao espaço e ao tempo, contanto que na situação de enunciação haja pelo menos um falante e um ouvinte, conforme Cavalcante (2012). Vale ressaltar que as expressões referenciais dêíticas podem tanto retomar objetos do discurso como introduzi-los, pois o que interessa nesse tipo de expressão é a localização de quem fala, com quem fala e o tempo e o lugar em que se passa a comunicação. Para dar conta dessa localização plural, a dêixis se subdivide em três tipos: pessoal, espacial e temporal.

Observemos o esquema dos processos referenciais de acordo com a categorização presente em Cavalcante (2012), Na Figura 1, a seguir:



Fonte: Cavalcante (2012, p. 127).

Todos esses processos referenciais supracitados desempenham papéis relevantes na construção do texto, exercendo funções textual-discursivas que permitem organizar, introduzir referentes e argumentar, dentre outras significativas possibilidades de produção de um texto, conforme a defesa de Cavalcante (2012). Vale ressaltar que é o processo global de elaboração de um texto que nos permite observar essas estratégias referenciais em funcionamento.

Esclarecidos esses aspectos da referencialização, partiremos para as funções das anáforas nominais expressas em Koch ([2004a] 2017). As investigações acerca das funções cognitivo-discursivas das expressões nominais referenciais têm demonstrado sua grande relevância para a construção textual de sentido. Dentre as funções discursivas desempenhadas pelas expressões nominais referenciais, elencamos as descritas por Koch ([2004a] 2017): a) ativação/reativação na memória; b) encapsulamento (sumarização) e rotulação; c) organização macroestrutural; d) atualização de conhecimentos por meio de glosas realizadas por uso de um hiperônimo; e) especificação por meio de sequências hiperônimo/hipônimo; f) construção de paráfrases definicionais e didáticas; g) introdução de informações novas;

h) orientação argumentativa; e i) categorização metaenunciativa de um ato de enunciação.

Diante de nosso objetivo em observar a presença de elementos referenciais nominais que auxiliem na argumentatividade e progressão textuais, selecionamos, a seguir, as expressões nominais referenciais que serão pertinentes para a realização da análise que estamos propondo, a saber: a ativação/reactivação na memória, encapsulamento (sumarização) e rotulação, especificação por meio de sequências hiperônimo/hipônimo e orientação argumentativa.

A reativação na memória do interlocutor é operada através da remissão apresentada antes no texto ou a partir do cotexto que se segue. É a chama alocação ou focalização na memória ativa, como esclarece Koch ([2004a] 2017). Podem operar uma recategorização ou refocalização do referente e, em caso de nominalizações encapsuladoras e rotuladoras, têm, também, função predicativa, pois podem vincular o já dito ou por dizer, isto é, a informação dada e a informação nova. Observemos o exemplo (1) de Francis ([1995] 2016, p. 195):

(1)

[...] o sistema imunológico dos pacientes reconheceu os anticorpos do rato e os rejeitou. Isto significa que eles não permanecem no sistema por tempo suficiente para se tornarem completamente eficazes.

A segunda geração de anticorpos agora em desenvolvimento é uma tentativa de contornar *este problema* através da “humanização” dos anticorpos do rato, usando uma técnica desenvolvida por [...]

No exemplo acima, a lexicalização precede o rótulo “*este problema*”, o qual conduz a uma interpretação de que a rejeição dos anticorpos do rato constitui um problema, segundo exposto em Francis ([1995] 2016).

As funções de encapsulamento (sumarização) e rotulação, por sua vez, são próprias das nominalizações, e sua atuação auxilia na sumarização de informações-suporte de segmentos anteriormente expressos no texto, atuando no sentido de encapsular essas informações por meio de uma expressão nominal, e cooperar para sua transformação em objetos de discurso. São as chamadas anáforas complexas, termo descrito por Koch ([2004a] 2017) tomando por base postulados de Schwarz (2000). Assim, essas anáforas nomeiam referentes textuais abstratos, como “estado”, “fato”, “evento” etc., conforme exemplifica Koch ([2004a] 2017). Na interpretação dessas anáforas, há o acionamento de estratégias cognitivas que auxiliam na interpretação de informação adicional. Percebemos, portanto, que essas expressões nominais podem desempenhar duas funções: “*rotulam* uma parte do cotexto que as precede (*x* é um acontecimento, uma desgraça, uma hipótese, etc.) e estabelece um novo referente que [...] poderá constituir um tema [...] para enunciados subsequentes” (KOCH, [2004a] 2017, p. 76). Por essa razão, essas expressões, geralmente, iniciam os parágrafos. Vejamos um exemplo (2) de Francis ([1995] 2016, p. 212) que ilustra o rótulo avaliativo *tolice*, o qual se constitui uma avaliação negativa da afirmação que o precede:

(2)

Lembro do último Xá me dizendo várias vezes durante a revolução de 1978 que as pessoas acreditavam que “se você levantasse a barba de um Khomeini, encontraria a frase ‘fabricado na Inglaterra’ escrita em seu queixo”. Ele próprio quase acreditava *nesta tolice*, apesar dos meus protestos de que as relações anglo-iranianas prosperaram como nunca sob o governo e que o aiatolá visivelmente não era admirador da Grã-Bretanha.

Uma outra função das anáforas nominais refere-se ao emprego de hiperônimo e hipônimo. Essas anáforas podem exercer, ainda, uma função de especificação, chamada anáfora especificadora. Geralmente, esse elemento é introduzido por artigo indefinido, trazendo informações novas sobre o objeto de discurso, como defende Koch ([2004a] 2017, p. 79), ilustrando com o exemplo “*uma catástrofe [...] uma epidemia*” para comprovar a defesa da presença do indefinido anafórico na especificação por meio de hiperônimo/hipônimo. Observemos o exemplo (3) na íntegra:

(3)

Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. *Uma epidemia de Ebola* já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva (KOCH, 2017, p. 79).

Ademais, podemos dizer que outra função relevante das expressões referenciais nominais é a introdução de informações novas. Segundo Koch (2004a), essa introdução pode ocorrer por meio de relações de parassinonímia e por meio de novas caracterizações do referente. As primeiras ocorrências são as anáforas nominais introduzidas por demonstrativos, funcionando como sinônimo do referente no contexto, o que contribui para o acréscimo de informações inéditas do objeto de discurso, conforme o exemplo (4) de Koch (2004a, p. 81): “A polêmica parecia não ter fim. Pelo jeito, *aquele bate-boca* entraria pela noite adentro, sem perspectivas de solução”, em que “*aquele*” funciona como pronome demonstrativo que introduz a anáfora nominal “*bate-boca*”. Já as ocorrências por meio de novas categorizações do referente, seja por anáfora definida ou indefinida, constituem um tipo de introdução bastante recorrente. Vejamos o exemplo (5) de Koch (2004, p. 81) dessa anáfora nominal, que mostra a introdução de novas informações do referente “prefeito”, cuja expressão “*o urbanista que entrou no PT em 1981 como militante dos movimentos populares por moradia*” é usada com a intenção de caracterizá-lo, como ilustrado no exemplo (5):

(5)

O prefeito é especialmente exigente para liberar novos empreendimentos imobiliários, especialmente quando estão localizados na franja da cidade ou em áreas rurais [...] O Crescimento urbano tem de ser em direção ao centro, ocupando os vazios urbanos e aproveitando a infraestrutura, não na área rural, que deve ser preservada, repete *o urbanista que entrou no PT em 1981 como militante dos movimentos populares por moradia*

(Quem matou Toninho do PT?, *Caros amigos*, n. 78, set. 2003, p. 27).

As expressões nominais referenciais também desempenham uma função cognitivo-discursiva importante, sobretudo para gêneros opinativos: a orientação argumentativa. Essa manobra pode se realizar por meio de expressões metafóricas. Vejamos a exemplificação de Koch (2004, p. 82) sobre essa função, em que as expressões referenciais “*um arsenal inteiro de credices*”, “*essa vegetação parasita*” e “*tronco*” promovem um deslizamento de sentido, provocado pelo emprego dessas metáforas, revelando o posicionamento discursivo do enunciador acerca da religião, no exemplo (6), a seguir:

(6)

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve *um arsenal inteiro de credices*, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda *essa vegetação parasita*, e ficou só o *tronco* da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. [...] (Machado de Assis, *A cartomante*).

Todas essas funções discutidas anteriormente nos permitem concluir que, conforme defesa de Koch (2004) o que denominamos referentes são, como demonstrado, objetos de discurso, construídos e reconstruídos a partir da interação verbal. Portanto, as exemplificações expostas acerca das funções discursivas e cognitivas das expressões nominais referenciais fundamentam a tese de que os referentes podem ser tomados como objetos de discurso, corroborando com o posicionamento da linguista.

4. O ATO ARGUMENTATIVO

O ato de argumentar é uma ação linguística fundamental, uma vez que comunicar é a mais relevante ação da linguagem, como postula Koch (2011), isto é, esse ato vai além da explicitude linguística, pois, ao integrar o discurso, envolve as intenções traduzidas em modos de dizer, através de atos argumentativos baseados no falar, dizer e mostrar. Por isso, diante do nosso interesse em observar as contribuições dos processos de referenciação para argumentação na monografia investigada, apresentamos, nesta seção, uma breve reflexão sobre a argumentatividade na linguagem, tomando por base as discussões propostas por Koch (2011), Koch e Elias (2016).

De acordo com Koch e Elias (2016), argumentar é uma ação eminentemente humana, pois o uso da linguagem ocorre na forma de textos, construídos por sujeitos na interação. As autoras, mencionando os pressupostos de Charaudeau (2008)⁴ sobre argumentação, esclarecem que argumentar é uma atividade discursiva por meio da qual influenciaremos nosso interlocutor com argumentos, os quais são construídos mediante a apresentação e organização de ideias, além da estruturação do raciocínio a serviço da defesa de uma tese ou ponto de vista. O ato de argumentar, portanto, é uma ação linguística fundamental, considerando que faz parte da rotina do ser humano avaliar, julgar, criticar, ou seja,

⁴ CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

expor juízos de valor. Assim, é por meio do seu dizer que o locutor tenta influenciar comportamentos ou opiniões. Diante dessa constatação, podemos considerar que a argumentatividade está presente nos mais variados gêneros discursivos, seja em maior ou em menor grau; no entanto, há gêneros em que essa marca é fundamental para sua composição, diante do seu objetivo sociocomunicativo voltado à argumentação.

Koch (2011) baseia-se nos estudos da semântica argumentativa, defendida por Anscombe e Ducrot (1983)⁵, e articula as áreas da enunciação, da retórica, da pragmática e do discurso. Apresentamos, a seguir, a explicação de Koch (2011) sobre o processo argumentativo na linguagem:

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro e fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por essa razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois **a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do texto. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade (KOCK, 2011, p. 17, grifos da autora).

É, portanto, sobre a argumentatividade presente em um gênero fundamentalmente argumentativo que pretendemos voltar nossa atenção. Salientamos que nosso interesse é observar os movimentos referenciais que auxiliam na argumentatividade da monografia que analisaremos. Desse modo, após essa breve contextualização do ato de argumentar, passemos aos esclarecimentos sobre nossa escolha metodológica, na seção 5, a seguir.

5. DELIMITAÇÃO METODOLÓGICA

O texto por nós analisado refere-se a uma monografia intitulada *A interatividade, o modelo de negócio e a distribuição de conteúdo nos sites jornalísticos nativos on-line brasileiros*. Essa monografia foi produzida por um concluinte do curso de bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, de uma universidade pública da Bahia, sendo seu texto apresentado e obtido aprovação em 2017. Essa monografia é constituída das seções de introdução, aporte teórico, metodologia e resultados e considerações finais, num total de 86 páginas, incluindo referências e anexos.

Pretendemos, no presente trabalho, investigar a ocorrência (ou não) de elementos referenciais no cumprimento da função argumentativa necessária para composição de tal gênero. Para tanto, procederemos a uma metodologia de base qualitativa e descritiva, e nos deteremos na seção de introdução do *corpus* investigado. A escolha dessa seção se deve ao fato de que sua composição permite maior observância de visadas argumentativas, logo, permitindo transparecer o posicionamento do escrevente,

⁵ ANSCOMBRE, Jean-Claude e DUCROT, Oswald. *La argumentación en la lengua*. Mardaga: Bruxelas, 1983.

sobretudo, nas partes da elaboração da justificativa da pesquisa, da questão posta para a investigação, dos objetivos expostos, da hipótese defendida pelo escrevente e da escolha da metodologia adotada. Comunicativamente, essas partes demonstram “o porquê” e “o como” a pesquisa foi desenvolvida, o que nos permite observar o posicionamento argumentativo realizado pelo graduando.

Tal seleção da seção de introdução do texto investigado se justifica diante do seu caráter notadamente argumentativo. Essa defesa é respaldada nas discussões dos trabalhos de Souza e Silva (2017) e de Motta-Roth e Hendges (2010). Ao acionar a teoria sociorretórica de Swales (1990; 2014), Souza e Silva (2017) discutem os movimentos comunicativos da seção de introdução de uma monografia, e tal demonstração nos permite observar as partes em que há construções prototípicas que revelam o posicionamento do escrevente, portanto, com a realização de visadas argumentativas. Por fim, em Motta-Roth e Hendges (2010), há a exposição acerca da teoria e da prática de escrita dos gêneros acadêmicos, e, em sua demonstração, as linguistas explicitam as partes desses gêneros que mais notadamente apresentam-se em construções textuais contrastivas, portanto, argumentativas, apontando, por exemplo, que a justificativa de uma pesquisa no gênero acadêmico é altamente argumentativa. Tal justificativa pode ser encontrada no propósito de introduzir a pesquisa, de acordo com a teoria dos movimentos sociorretóricos evocada pelas autoras.

Desse modo, após a delimitação da seção de introdução, observaremos o emprego de elementos referenciais nominais auxiliares do cumprimento de visadas argumentativas na seção analisada. Isso posto, passemos à análise da seção do texto monográfico, a seguir.

5. ANÁLISE DO *CORPUS*: A REFERENCIAÇÃO COMO RECURSO ARGUMENTATIVO NO GÊNERO TCC

A seção de introdução da monografia investigada foi composta por oito parágrafos, num total de duas laudas. Como nosso objetivo é observar o emprego de elementos referenciais nominais, selecionamos apenas os trechos em que tais elementos são empregados com vistas à progressão e argumentação textuais. Relembramos que os elementos referenciais nominais apresentam uma natureza argumentativa e retórica, tendo por função conduzir a orientação argumentativa global. Diante disso, observamos a ocorrência desses elementos, e em que medida eles contribuem (ou não) para o desenvolvimento argumentativo do texto analisado.

Ao nos questionarmos sobre o assunto do texto, nos deparamos com o anúncio de um tema e sua retomada, o que, como já discorremos, constrói o processo de referenciação. O referente, de acordo com Koch e Elias (2016), se constrói no nosso dizer e o modo como esse dizer é construído deixa transparecer nosso objetivo, nossa intenção, os participantes da enunciação e o seu contexto. Imaginemos esse processo em uma análise de uma pesquisa: a forma como o escrevente referencia seu objeto de investigação transparece o seu entendimento e posicionamento a respeito dele. Vejamos, nos excertos a seguir, como se constrói esse processo na introdução da monografia.

No primeiro parágrafo da introdução, o escrevente apresenta o assunto de sua pesquisa: *as transformações pelas quais o jornalismo passou*. Durante toda essa parte do texto, há a recategorização

desse referente. Observemos como ocorrem esses movimentos de referenciação, começando pela reprodução do primeiro parágrafo da introdução, no excerto (01):

(01)

O jornalismo passou por diversas transformações ao longo da história. Atualmente, *com a internet*, a audiência é capaz de participar *dos processos de produção da notícia*, assim como se tornou parte dos meios de disseminação da mesma. *O ambiente on-line* possibilitou a convergência de várias mídias (texto escrito, som e imagem estática e em movimento) em uma mesma plataforma, abrindo espaço para novas formas de se *fazer jornalismo*. Entretanto, percebe-se o impacto para as *indústrias jornalísticas*, sobretudo para os veículos tradicionais, que estão sendo coagidos a buscar novos caminhos a fim de se adaptar aos novos tempos.

Destacamos, no excerto (01), a introdução do referente “O jornalismo”, cujo assunto é enunciado a partir das transformações históricas pelas quais esse termo tem passado. Esse referente é recategorizado pelas expressões nominais “dos processos de produção da notícia”, “fazer jornalismo” e “indústrias jornalísticas”. A primeira expressão nominal referencial desempenha a função de especificação, o que Koch (2017) nomeia anáfora especificadora, pois acrescenta uma informação sobre uma função do objeto do discurso (O jornalismo), de que ele é produtor de notícia. A reativação do referente na memória também é operada nesse exemplo, através do emprego das anáforas nominais especificadoras “fazer jornalismo” e “indústrias jornalísticas”. Esses movimentos referenciais presentes no excerto (01) contribuem para a progressão do tópico discursivo, na medida em que, na especificação do referente, direciona o leitor para o objetivo do assunto tratado, discutir sobre as transformações do jornalismo ao longo da história.

Ainda no excerto (01), há a ocorrência da introdução referencial “internet”, retomada na forma anafórica especificadora “O ambiente on-line”. Assim como na ocorrência com a recategorização do referente “O jornalismo”, o referente “internet” também é recategorizado por uma anáfora especificadora, por meio do hipônimo “o ambiente on-line”, cuja função é justamente especificar esse referente, contribuindo para orientar a argumentação do tópico discursivo. Essa recategorização dos referentes “O jornalismo” e “internet” é construída em toda a seção de introdução da monografia. Observemos, em caráter ilustrativo, no excerto (02), correspondente ao segundo parágrafo da introdução, a ocorrência desse movimento anafórico:

(02)

A partir da popularização da *rede mundial on-line*, os *veículos de comunicação* perderam o domínio sob a distribuição do conteúdo. *A indústria jornalística* começou a testemunhar um contexto de incertezas em meio à redução da receita vinda da publicidade, sua principal fonte de renda, que encontrou na *web* um espaço mais rentável e mensurável. Além disso, o leitor mais ativo no processo de construção jornalística e a abundância de informações que podem ser encontradas gratuitamente na internet ajudaram a compor o quadro no que diz respeito ao jornalismo “pós-industrial”.

Duas funções das anáforas nominais são percebidas na construção do excerto (02): a primeira delas é a ocorrência das expressões “rede mundial on-line” e “web”, correferentes de “internet”, termo introduzido no excerto (01), e desempenham um papel de reativação na memória do interlocutor, através da remissão apresentada anteriormente no texto. Esse processo é o que Koch (2017) designa como alocação ou focalização na memória ativa através do emprego de sinonímia. A segunda função das anáforas, no referido excerto, é o de rotular seu introdutor referencial, empregando as anáforas nominais rotuladoras “veículos de comunicação” e “indústria jornalística”, correferentes de “jornalismo”, evidenciando, desse modo, um posicionamento argumentativo do escrevente, uma vez que transparece seu ponto de vista acerca do jornalismo, pois o amplia a veículos de comunicação e correlaciona-o ao mercado, através da expressão “indústria jornalística”. Esse enunciado será explorado em toda a seção de introdução, o que auxilia o escrevente na progressão do tópico discursivo e na tomada de um posicionamento argumentativo de seu texto.

Como expomos, o referente auxilia o produtor do texto no modo como constrói o seu dizer, de acordo como o objetivo comunicativo, levando em consideração os participantes da interação. Diante disso, relembramos o postulado de Bakhtin de que os gêneros existem porque atendem a determinadas demandas sociais, pois são as esferas de comunicação que elaboram “seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Diante disso, corroboramos com a ideia de que é relevante observar em que esferas/campos de circulação a comunicação verbal se materializa. A produção da monografia atende a uma exigência que considera os requisitos do gênero científico, diante do meio de produção e circulação desse gênero. Em vista disso, percebemos que o emprego de elementos referenciais auxilia tanto na argumentatividade do gênero, como na afirmação do escrevente em seu meio acadêmico, no desenvolvimento de uma pesquisa que julga relevante nessa esfera de circulação. Podemos considerar que estão envolvidas tanto a competência linguística quanto a afirmação social desse escrevente. Voltando para as questões especificamente referenciais, observemos os movimentos que auxiliam o informante na argumentação de seu texto e em como transparecem aspectos discursivos próprios do seu lugar de enunciação, no excerto (03), a seguir.

(03)

Nesse cenário, a presente monografia tem como tema o ambiente atual do jornalismo na internet. Com o novo ecossistema jornalístico e diante da necessidade de adaptação, surgiram novas formas de financiamento; os sites de redes sociais tornaram-se uma forma de distribuição; e novas opções de interatividade são geradas permitindo uma participação cada vez maior da audiência.

[...]

Acredita-se que esta pesquisa se justifica haja vista a atualidade do tema e a importância de se entender que saídas o jornalismo “pós-industrial” está encontrando nessa nova era, o que está sendo feito neste campo com as oportunidades trazidas pelas novas tecnologias e como está se dando a relação com a audiência.

Há o emprego, no texto investigado, da nominalização “ambiente atual do jornalismo na internet”, retomando dois termos já anteriormente categorizados, “o jornalismo” e “internet”, explicados no excerto (03) anteriormente. Dessa forma, o escrevente converge os dois assuntos para a sua pesquisa, unindo-os no tema que se propõe a desenvolver. Essa anáfora nominal desempenha uma importante função cognitivo-discursiva, pois conduz a orientação argumentativa de todo o texto. Além do tema apresentado, cujo movimento de remissão convergiu para essa apresentação, observamos a justificativa da pesquisa, que retoma o termo “jornalismo”, exposto anteriormente no texto, na forma de “jornalismo pós-industrial”, uma anáfora nominal avaliativa, cuja função é especificar o tipo de jornalismo que será investigado. Percebemos que, ao justificar sua pesquisa, discursivamente, o produtor desse texto se apresenta como sujeito capaz de desenvolver um estudo cuja relevância o habilitará, através da aprovação da sua monografia, a ser considerado profissional de sua área de formação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de apresentar uma visão geral acerca das análises sobre a monografia de Comunicação, iniciamos a presente seção descrevendo nossas principais impressões dos aspectos que foram discutidos sobre a introdução do referido texto. Quanto ao emprego de elementos referenciais, observamos que o escrevente, nos excertos em que utiliza as recategorizações nominais e os encapsulamentos anafóricos, consegue posicionar-se argumentativa e discursivamente sobre sua pesquisa. Vejamos, então, no Quadro 2, a seguir, o resumo das ocorrências dos aspectos referenciais por nós apresentados na análise da seção de introdução:

Quadro 2 - Seção introdução

SEÇÃO INTRODUÇÃO	
FUNÇÃO REFERENCIAL	3 excertos
Anáforas nominais especificadoras	3
Reativação na memória através de hiperônimo/hipônimo	1
Rotulação	1
Orientação argumentativa	1

Fonte: Elaboração própria.

Diante de tais constatações, reafirmamos que, do ponto de vista argumentativo, as marcas linguísticas de superfície textual, particularmente, as nominalizações referenciais, são promissoras para o direcionamento das visadas argumentativas do sujeito, tendo em vista o propósito comunicativo e o projeto de dizer do texto produzido. A partir dessas inferências, observamos que o explícito, a partir da materialização desses recursos, nos permite inferir o implícito da língua, posto que linguagem pressupõe sempre implícitos, conforme declaram Koch e Elias (2016). Então, a depender de dada escolha lexical, há a compreensão de implícitos insinuados a partir das marcas linguísticas presentes na superfície textual.

Como discutimos, os elementos referenciais se mostram promissores na condução dessas visadas argumentativas e, por conseguinte, são recursos que podem auxiliar o escrevente num momento determinante, ao instrumentalizá-lo com estratégias que corroborem para a apresentação escrita de sua pesquisa, cumprindo o teor argumentativo esperado no gênero monografia.

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016 [1995], p. 53-81.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 279-287.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes. 1992.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016 [1995], p. 191-228.

HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: *Gêneros: teorias, métodos, debates*. J. L Meurer, Adair Bonini, Désirée Motta-Roth, organizadores. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 108-129.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____; ELIAS, Vanda. Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016, 240 p.

_____. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017 [2004a].

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997. (Caminhos da Linguística).

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

SOUZA, Clara Regina Rodrigues de; SILVA, Williany Miranda da. Gênero monografia em contexto de produção acadêmica escrita. *Raído*, Dourados, MS, v. 12, n. 27, jan./jun. 2017 - ISSN 1984-4018.

Jaqueline Feitoza Santos

Mestra em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB - 2019), pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB), *campus* de Vitória da Conquista, onde, também, cursou Letras Vernáculas (2010). Possui duas especializações *lato sensu*, uma em Língua Portuguesa e Língua Estrangeira (UNINTER - 2013) e outra em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (FACEI - 2016). Atualmente, atua na vice-direção de um Colégio Estadual da Bahia, onde trabalha desde 2012, o Colégio Estadual Vitória Lima de Oliveira, na cidade de Barra do Choça – Bahia.
E-mail: jaquelinefeitoza@gmail.com

Márcia Helena de Melo Pereira

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, onde também realizou o curso de mestrado em Linguística Aplicada. Atualmente, é professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB), *campus* de Vitória da Conquista, atuando na área de Linguística de Texto. Desenvolve, atualmente, projeto de pesquisa sobre processo de construção de textos, gênese de textos, relação entre estilo individual e estilo de gênero, crítica genética, autoria e ensino de texto. E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br

Enviado em 10/09/2019.

Aceito em 30/11/2019.